



Chaguim uMoadim

no Movimento Massorti

ב'טז

Purim: A festa da identidade

Chega uma das celebrações mais pitorescas e alegres do ano judaico, cheia de costumes e leis, chega Prim.

Esta festa está baseada num dos livros do Tanach (Bíblia), o livro de Esther.

Na Meguilá aparecem, como personagens principais, a rainha Esther, o Mordechai, o rei Achashverosh e o malvado Haman.

Haman, com um ódio visceral e por causa de algumas situações com Mordechai, procura destruir os judeus do reino, conseguindo para isso um decreto de destruição do governante.

No versículo 3:8 achamos uma afirmação de Haman que começa a mostrar o veneno que esta personagem destila, *“e Haman falou ao rei Achashverosh: Tem um povo espalhado e disseminado entre os povos em todas as províncias de seu reino; suas leis são diferentes das leis de todos os demais povos, e não guardam as leis do rei, portanto, não é conveniente que o rei os deixe vivos”*.

Claramente isto é uma difamação feita por Haman, por causa do ódio que ele tinha por Mordechai, e que tenta destruir todo seu povo.

Uma acusação falsa, que tem algo de verdade, para poder avançar com um plano malvado.

Uma acusação que será repetida várias vezes ao longo da história pelo antissemita ou por quem quer que odeie o povo judeu, em cada época.

Mas neste texto não vou me deter na parte da falsa acusação, senão na verdade que Haman usa para trazer o resto da frase: ***“suas leis são diferentes das leis de todos os demais povos”***.

Esta parte é verdade. Se tem alguma coisa que diferencia e particulariza o povo judeu são sua leis. Muitas leis. Leis que atravessam todas as situações possíveis de nossas vidas. Desde que nascemos até que morremos. Desde que nos levantamos de manhã até o momento prévio a fechar os olhos a cada noite.

Essas leis nos fazem ser diferentes. Os rituais de nosso nascimento, o Brit Milah (circuncisão) por exemplo. Ao passar a ser adultos, com o Bar e Bat Mitzvah. A particularidade da chupá ao nos casarmos. Tudo o que envolve a passagem para a vida eterna.

O que dizer das leis da Kashrut, que dita cada alimento que podemos e não podemos comer e beber?

Comentava no começo que Haman tinha mentido quando dizia que não aceitávamos o que a sociedade circundante mandava. E me vieram à mente dois exemplos simples, que aconteceram comigo nos últimos tempos: em Curitiba, Brasil, há pouco tempo, comi feijoada, uma preparação típica do país, totalmente Kasher. Achei lindo o gesto da Kehila de nos preparar este prato. O outro caso é de amigos meus em Israel durante nosso recente ano de estudos, buscando algum açougue que soubesse cortar a carne do jeito certo para poder preparar milanesas de carne (em Israel é mais fácil encontrar shnitzel de frango, mas não de carne). Me digam se isso não é termos nos adaptado ao meio no qual vivemos? Nossos avós na Polônia e na Síria não comiam estes pratos, obviamente.

Preparamos os pratos, os adaptamos a nossas regras, os disfrutamos. Assim é com cada coisa de nossas vidas.

A maravilha do judaísmo em geral, e da ideologia e prática Masorti / Conservadora em particular, é poder buscar o que une a nossa tradição milenária com nosso dia a dia.

Nós buscamos encher de significado o mundo moderno, agitado, que parece querer nos tirar todo o particular, e querer nos imbuir de uma globalização que apaga todo o anterior e só aceita o novo.

Não queremos para nós uma vida submergida na escuridão do passado, não queremos nos ver cegados pelas falsas luzes brilhantes do futuro.

Nós queremos viver no nosso mundo, com nossas regras, nossa tradição. Tem vezes que parecemos escutar que os judeus só temos dois problemas clássicos: o antisemitismo e a assimilação. Os dois casos são realidades, sim, que tem um antídoto similar: a educação. Educar para dentro e para fora.

Temos regras diferentes, que nos fazem viver e sentir diferente. São nossas, são tuas. “Torah Tziva Lanu Moshe, Morasha Kehilat Iaakov”. “A Tora que Moshe nos prescreveu é herança para a congregação de Iaakov”. Esta é sua tradição, sua forma de ver e transitar o mundo. Ser judeu é tua herança, se você se comportar como dono e a colocar como parte de sua vida, será realmente tua.

Purim chega uma vez ao ano, nos fantasiamos do que não somos, para o resto do ano mostrar nossa identidade e ser o que somos e o que queremos ser.

Aproprie-se de seu judaísmo, aproxime-se de sua Kehila e decida por qual caminho você quer transitar.

Chag Purim Sameach!

Rab Meir Szames

Diretor do Instituto Superior de Ciências Judaicas e Formação Docente “Abarbanel”

Seminário Rabínico Latinoamericano “Marshall T. Meyer”